

Governo quer sugestões da minoria

Líder do PSDB recebe a missão de convencer os oposicionistas a discutir o pacote de ajuste

Christiane Samarco e Ruy Fabiano
de Brasília

Um importante articulador do Palácio do Planalto no Congresso não tem dúvida: a negociação do pacote de ajuste fiscal será a mais difícil que o governo já enfrentou. Por isso mesmo, antes se reunir com o presidente Fernando Henrique Cardoso e os demais líderes da base governista para conhecer o pacote na manhã de quarta-feira, o líder do PSDB na Câmara, Aécio Neves (MG), chega hoje a Brasília com a missão de convencer os líderes dos partidos de oposição a participar das discussões das medidas e sugerir alternativas.

Nem Aécio nem os demais líderes governistas têm a ilusão de reproduzir na votação do ajuste as parcerias com as esquerdas que foram bem-sucedidas no segundo turno das eleições estaduais. "As alianças foram circunstanciais; é hora de virar a página", propõe o tucano. "Não acredito que esse quadro de desordem partidária tenha impacto na costura das alianças no Congresso", reforça o petista José Genoino (SP).

Aliados do presidente Fernando Henrique temem, inclusive, a revolta de alguns governistas contra o Planalto por conta das dobradinhas estaduais com a oposição. "As alianças eleitorais não podem servir de pretexto para que se debitem derrotas ao presidente ou a qualquer partido aliado", defende o líder tucano. "Os ânimos ainda estão exaltados e o quadro político só vai clarear a partir da próxima semana", prevê o novo líder do governo na Câmara, deputado Arnaldo Madeira (PSDB-SP). A atenção dos tucanos está voltada sobretudo para o presidente do PMDB, senador Jader Barbalho (PA), derrotado por Almir Gabriel (PSDB) no Pará.

Jader deixou claro que o PMDB terá que reunir suas lideranças para reavaliar o apoio do partido ao governo, adiantando que não haverá



Arnaldo Madeira

solidariedade incondicional. "O Jader está vivendo um momento pessoal difícil, mas não nos preocupa porque tem responsabilidade com o País", disfarça Aécio.

"É hora de lamber as feridas e absorver o recado claro das urnas, que é de promover as medidas necessárias ao ajuste imediato da economia", sustenta o ministro da Justiça,

Renan Calheiros (PMDB). Ele admite que as negociações serão difíceis, mas confia em que o bom senso prevalecerá. "O presidente não escondeu a necessidade de medidas duras de ajuste. E foi reeleito no primeiro turno, o que representa um aval da sociedade."

Escolhido ontem para a liderança do governo, o deputado Madeira admite que as votações das medidas serão "complexas e vão exigir esforço redobrado dos líderes aliados".

Ele está convencido de que o ajuste fiscal não pode ser implantado sem que seja votado pelo Congresso. "A sorte do governo está pendurada no Congresso", resume o líder.

"A contribuição dos aposentados não vai passar porque é inconstitucional e o aumento da alíquota da Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF) também será rejeitada porque a reação da sociedade é enorme", atalha o líder do PDT na Câmara, Miro Teixeira (RJ). Ele aponta estas medidas como "cortina de fumaça" criada pelo governo para fugir ao ajuste realmente necessário. "O governo não tem coragem para fazer o que deve, como acabar com os incentivos que estão custando R\$ 17 bilhões este ano."

A proposta de diálogo também não sensibiliza as oposições. Segundo Miro, as esquerdas sempre foram propositivas, sem resultado: "Quando Barbosa Lima Sobrinho bateu à porta do Planalto para apresentar alternativas à privatização da Vale, o presidente negou-lhe audiência".